



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

BOLETIM  **de**
CONJUNTURA 
DO RIO GRANDE DO SUL
V. 3 N. 3



GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Governador: Eduardo Leite

Vice-Governador: Ranolfo Vieira Júnior

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO

Secretário: Claudio Gastal

Secretária Adjunta: Izabel Matte

Subsecretário de Planejamento: Antonio Paulo Cargnin

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Divisão de Análise Econômica: Vanessa Neumann Sulzbach

BOLETIM DE CONJUNTURA DO RIO GRANDE DO SUL

V. 3 N. 3, setembro 2021

Porto Alegre, RS

Bol. Conj. RS	Porto Alegre	v. 3	n. 3	p. 1-21	set. 2021
---------------	--------------	------	------	---------	-----------

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

<https://dee.rs.gov.br/boletim-conjuntura>

Departamento de Economia e Estatística (DEE-SPGG)

R. Duque de Caxias, 1691

Porto Alegre - RS - 90010-281

Fone: (51) 3216-9000

E-mail: dee@planejamento.rs.gov.br

Homepage: <https://dee.rs.gov.br/inicial>

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Chefe da Divisão de Análise Econômica: Vanessa Neumann Sulzbach

Equipe Técnica: Fernando Ioannides Lopes da Cruz, Martinho Roberto Lazzari, Tomás Amaral Torezani e Vanessa Neumann Sulzbach

Revisão Técnica: Vinícius Dias Fantinel

Revisão de Língua Portuguesa: Susana Kerschner

Normalização Bibliográfica: Kátia Midori Hiwatashi

Projeto Gráfico: Vinicius Ximendes Lopes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Boletim de conjuntura do Rio Grande do Sul / Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, Departamento de Economia e Estatística – V. 1, n. 1, (2019)- . – Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, 2019- .
v. : il.

Trimestral.

1. Condições econômicas. 2. Economia Internacional. 3. Economia – Brasil. 4. Economia – Rio Grande do Sul. I. Rio Grande do Sul. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística.

CDU 338.1

Bibliotecário responsável: João Vítor Ditter Wallauer – CRB 10/2016

Publicação periódica trimestral que apresenta uma análise detalhada do desempenho da economia gaúcha no contexto dos mercados nacional e internacional.

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	4
1 CENÁRIO EXTERNO	5
2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL	9
2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA	9
2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS	11
2.3 EXPECTATIVAS DE CRESCIMENTO	12
3 CENÁRIO INTERNO — RS	13
3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA	13
3.2 SETOR EXTERNO	16
3.3 MERCADO DE TRABALHO	16
3.4 ARRECADAÇÃO DE ICMS	17
3.5 PERSPECTIVAS	18
PRINCIPAIS INDICADORES MENS AIS	19
REFERÊNCIAS	20

SUMÁRIO EXECUTIVO

No cenário externo, o segundo trimestre de 2021 foi marcado pela continuidade da recuperação da atividade econômica da maioria dos países, embora com divergências relevantes. A vacinação mais acelerada e a capacidade de comportar medidas fiscais e monetárias ainda expansionistas colocaram as economias avançadas em vantagem nessa trajetória de retomada.

De toda sorte, o fortalecimento das atividades ensejou pressão inflacionária, em maior ou menor medida, em quase todos os países, refletindo, entre outras coisas, uma certa desorganização produtiva com escassez de produtos, combinada com política fiscal e monetária expansionista. Mais uma vez, a capacidade de comportar, de forma fiscalmente equilibrada, as medidas de combate à pandemia faz as economias avançadas se depararem com um perfil menos perverso do componente inflacionário do que as economias emergentes. No primeiro caso, entende-se que o processo de elevação dos preços é temporário, uma vez que as expectativas de médio e longo prazos estão ancoradas. No Brasil e na América Latina, por outro lado, a situação fiscal mais apertada tem colocado em dúvida a estabilidade da dívida pública e, por conseguinte, a futura estabilização macroeconômica. Além disso, a alta continuada dos preços dos alimentos e as desvalorizações cambiais nesses países têm adicionado riscos ao comportamento futuro da inflação.

Nesse cenário, as *commodities*, atualmente em patamares historicamente altos, devem permanecer valorizadas, colocando ainda mais pressão sobre os preços internos. No caso específico do Rio Grande do Sul, a valorização das *commodities* agrícolas, sobretudo da soja, tem efeito positivo na economia interna via renda do produtor.

O Brasil, nessa conjuntura, apresentou dificuldades na sua trajetória de recuperação. O resultado do primeiro trimestre, com queda na margem (-0,1%), colocou o País num conjunto de poucas nações que não conseguiram registrar taxas positivas de crescimento, como Argentina, Colômbia, Índia e Canadá. Fatores internos e externos, como a escassez de insumos e a elevação de custos, além de fatores climáticos adversos, foram contrapesos importantes à retomada de medidas de estímulo, como o Auxílio Emergencial, ao

avanço da vacinação e à redução do isolamento na recuperação econômica do trimestre.

Na economia interna, soma-se à conjuntura adversa a escalada da inflação, que, em agosto, chegou a 9,7% no acumulado em 12 meses. Mesmo que a pressão dos preços se tenha mostrado um fenômeno global, as condições fiscais, ainda incertas, colocam o País numa condição mais vulnerável. A despeito da melhora do resultado primário, as incertezas que persistem em relação à capacidade do País de reduzir sua dívida, hoje em níveis elevados, podem continuar pressionando o câmbio, mesmo depois da elevação dos juros básicos da economia (atualmente em 6,25% a.a.). Esse mecanismo, em última instância, afeta os preços internos via repasse dos custos e pressiona a inflação.

A economia gaúcha, por sua vez, apresentou mais um resultado muito positivo no segundo trimestre do ano, com crescimento de 2,5% na margem e 27,7% na comparação com mesmo trimestre de 2020, a maior taxa desde o início da sua mensuração¹. Esse resultado advém de uma combinação de dois eventos importantes: (a) a recuperação da safra de grãos depois de um ano de estiagem, sobretudo da soja, que é colhida preponderantemente no segundo trimestre do ano; e (b) a recuperação econômica em relação aos efeitos da pandemia, que se concentraram no segundo trimestre de 2020.

Com esse resultado, o Produto Interno Bruto (PIB) do RS registrou o maior volume da série histórica, de forma que não apenas recuperou as perdas ocasionadas pela pandemia, como, também, as grandes perdas ocorridas entre 2014 e 2016, algo que ainda não foi observado na economia brasileira. Em relação ao volume médio de 2013, o PIB gaúcho encontra-se 3,4% acima, enquanto o nacional ainda está 1,7% abaixo.

Além da recuperação da safra, a agropecuária gaúcha e toda a cadeia que a envolve têm-se beneficiado dos preços elevados dos principais produtos agrícolas, que permitem novos investimentos no setor e gastos com produtos do comércio, dos serviços e da indústria.

Se, de um lado, a indústria gaúcha tem apresentado desacelerações consecutivas na margem, que a colocaram num nível 0,8% inferior ao nível de janeiro de 2020 (mas ainda com resultado positivo em relação ao ano passado), serviços e comércio engrenaram numa trajetória de recuperação mais consistente, ainda

¹ O início da série é 2002.

não vistas no pós-pandemia. Com isso, esses dois setores já se encontram em níveis superiores a janeiro de 2020, antes da pandemia (0,9% e 2,8% acima, respectivamente).

O mercado de trabalho gaúcho, nesse contexto, tem melhorado, porém de forma mais lenta do que a atividade econômica. O número de ocupados do 2.º trim./2021 foi de 5.318 mil pessoas, significando crescimento tanto em relação ao 2.º trim./2020 (mais 178 mil) quanto em relação ao 1.º trim./2021 (mais 126 mil).

Por outro lado, a arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) apresentou crescimento, em termos reais, acima da atividade econômica (23,5% entre janeiro e agosto de 2021, em relação ao mesmo período de 2020).

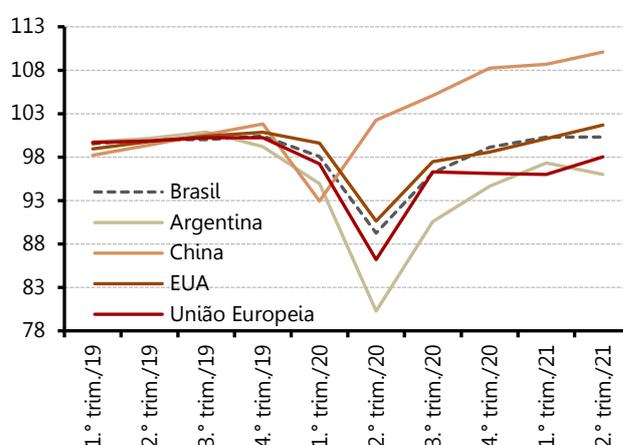
Em relação aos próximos meses, as perspectivas para o desempenho da economia do Rio Grande do Sul são heterogêneas e cercadas de incertezas. O baixo peso da agropecuária no terceiro trimestre faz com que o setor pouco contribua para o desempenho do PIB, ainda que os efeitos dos preços altos dos produtos agrícolas sobre outros setores da economia devam continuar em curso. A indústria, que vem apresentando desaceleração nos últimos meses, deve permanecer enfrentando dificuldades de acesso a insumos e tendo que lidar com o aumento dos custos energéticos. As boas notícias, nesse cenário, são a retomada da produção de uma importante montadora de veículos do Estado e a confiança dos empresários do setor, atualmente mais otimistas. Quanto aos serviços e ao comércio, os desafios permanecem frente à alta da inflação e dos juros, e a retomada lenta dos empregos.

De modo geral, as perspectivas positivas estão alicerçadas no avanço da vacinação e na redução do isolamento, além de na volta à normalidade da produção de veículos do Estado. Por outro lado, o cenário macroeconômico coloca contrapesos para a retomada mais sustentada, seja pelo aumento dos preços e dos juros, seja pela continuidade de elevação dos custos de transporte, ou pelos efeitos diversos da crise energética que se aproxima. No cenário externo, persistem incertezas quanto ao ritmo de recuperação da atividade econômica global no segundo semestre, colocando mais um fator de risco no cenário para o fechamento do ano.

1 CENÁRIO EXTERNO

A recuperação econômica global continua em marcha no segundo trimestre de 2021, apesar de divergências entre economias (**Gráfico 1.1**) e setores. Embora a atividade global venha mostrando sinais e resultados positivos, o lento avanço na vacinação em alguns países, a sua desaceleração em outros, e o ressurgimento de novos casos de Covid-19 ao redor do mundo pela variante Delta lançam incertezas sobre a velocidade dessa recuperação no segundo semestre do ano.

Gráfico 1.1 - Índices de volume do Produto Interno Bruto (PIB) de economias selecionadas — 1.º trim./2019-2.º trim./2021



Fonte: OECD (2021b).

Nota: Os índices têm como base a média de 2019 = 100; série com ajuste sazonal.

Nos Estados Unidos, o crescimento do segundo trimestre, na taxa anualizada e dessazonalizada, foi de 6,6%. Segundo o Bureau of Economic Analysis (2021), o resultado é reflexo da contínua recuperação econômica, das respostas do Governo relacionadas à pandemia de Covid-19 e da reabertura de estabelecimentos. A desagregação do Produto Interno Bruto (PIB) revela importantes contribuições das despesas de consumo pessoal, em especial de serviços (liderado por serviços de alimentação e acomodações), mas também de bens (com destaque para produtos farmacêuticos, roupas e calçados), do investimento fixo não residencial (produtos de propriedade intelectual e equipamentos de transporte) e das exportações de bens (bens de capital não automotivos) e de serviços (turismo).

A União Europeia saiu da recessão técnica e cresceu 2,1% no segundo trimestre, em relação ao imediatamente anterior, após duas quedas consecutivas nos últimos trimestres (de -0,1% e de -0,2%). A Alemanha cresceu 1,6%, após uma retração de 2,0% no primeiro

trimestre do ano, enquanto a França cresceu 1,1% no segundo trimestre, após estabilidade no trimestre anterior. Crescimentos ainda maiores no segundo trimestre foram registrados na Itália (2,7%), na Espanha (2,8%), na Holanda (3,1%) e em Portugal (4,9%). Já o Reino Unido apresentou um crescimento, de 4,8%. Todos esses resultados são reflexos do avanço nas campanhas de vacinação contra a Covid-19 e da suspensão progressiva de restrições sanitárias, a partir de contribuições importantes dos serviços e do consumo das famílias. Apesar da forte recuperação no segundo trimestre, a União Europeia e o Reino Unido ainda se encontram em um patamar inferior em relação ao período pré-pandemia, diferentemente de economias como Estados Unidos e China.

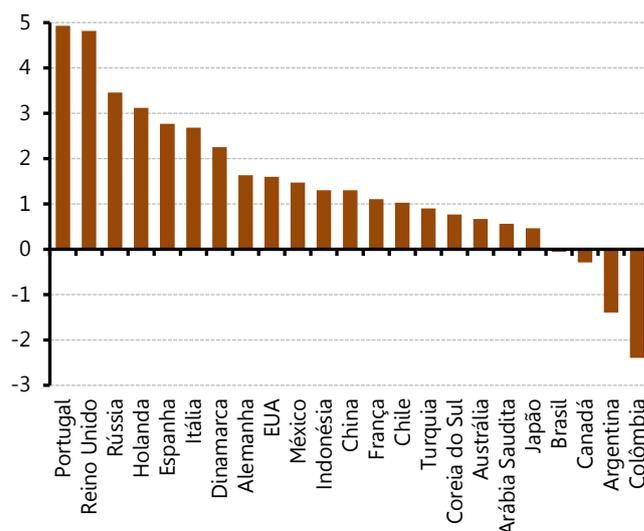
A economia chinesa, por seu turno, continua a sua trajetória de crescimento, após registrar um avanço de 1,3% no segundo trimestre, em relação ao trimestre anterior (após um aumento de 0,4% no primeiro trimestre do ano). Mesmo com novos casos de Covid-19 em algumas regiões do País, contribuiu para o resultado positivo do trimestre o aumento da produção industrial e das exportações (beneficiando-se da demanda externas das economias avançadas por produtos manufaturados), enquanto ainda se verifica um fraco crescimento das vendas no varejo (e dos serviços, em geral) e do investimento, além de uma recuperação lenta da renda das famílias.

Assim como o Brasil (-0,1%, ver seção 2), a Argentina registrou retração do PIB no segundo trimestre (-1,4%), em relação ao trimestre imediatamente anterior, após um crescimento de 2,8% no primeiro trimestre. O resultado negativo foi puxado pelo aumento das importações, dado que os demais componentes do PIB se expandiram (exceção feita à Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que se manteve estável). Ainda na América Latina, a Colômbia também apresentou variação negativa no trimestre (-2,4%, resultado puxado fortemente pela contração da FBCF), enquanto registraram crescimento países como o Chile (1,0%, liderado por uma maior demanda interna) e México (1,5%, com crescimento de todos os macrossetores, em especial o dos serviços). Outras economias emergentes², como Rússia (3,5%) e Turquia (0,9%), também cresceram no período (**Gráfico 1.2**).

A última projeção da Organização Para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2021a)

para a atividade econômica global, divulgada em setembro, é de crescimento de 5,7% em 2021 e de 4,5% em 2022. Já a do Fundo Monetário Internacional (FMI) (INTERNATIONAL MONETARY FUND, 2021b), divulgada no final de julho, indica um crescimento de 6,0% em 2021 e de 4,9% em 2022 (**Tabela 1.1**). Enquanto a projeção do FMI, em termos agregados, para 2021 permaneceu inalterada em relação à realizada em abril, houve aumento de meio ponto percentual (5,6%) para as economias avançadas e queda de 0,4 p.p. para as economias emergentes (em especial para a Ásia emergente). De acordo com o próprio FMI, o acesso a vacinas e a normalização da atividade econômica mais rapidamente do que o imaginado nas economias avançadas levaram à revisão de alta, enquanto a falta de acesso a vacinas e novas ondas de casos de Covid-19 afetaram negativamente a projeção das economias emergentes.

Gráfico 1.2 - Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de economias selecionadas — 2.º trim./2021



Fonte: OECD (2021b).

Nota: Taxa com ajuste sazonal e em relação ao 1.º trim./2021.

Além do acesso a vacinas, a manutenção (ou mesmo ampliação) de políticas de suporte também contribuiu na explicação da disparidade da recuperação entre as economias. Enquanto, pelo lado das economias avançadas, ainda se observam medidas monetárias e fiscais expansionistas (em especial, os pacotes de estímulo ao investimento em infraestrutura e o fortalecimento da rede de proteção social nos EUA e os recursos do Next Generation da União Europeia), pelo lado de muitas economias emergentes várias dessas

² Ao longo desta seção, resume-se ao termo "economias emergentes" a definição mais precisa de "economias em desenvolvimento e mercados emergentes".

medidas expiraram ou foram reduzidas drasticamente, bem como se verificam elevações nas taxas de juros (por exemplo, Brasil, México, Turquia e Rússia) para combater a alta nos preços.

Tabela 1.1 - Crescimento observado do Produto Interno Bruto (PIB) e de outras variáveis, por economias selecionadas e no mundo, em 2019 e 2020 e projeções para 2021-22

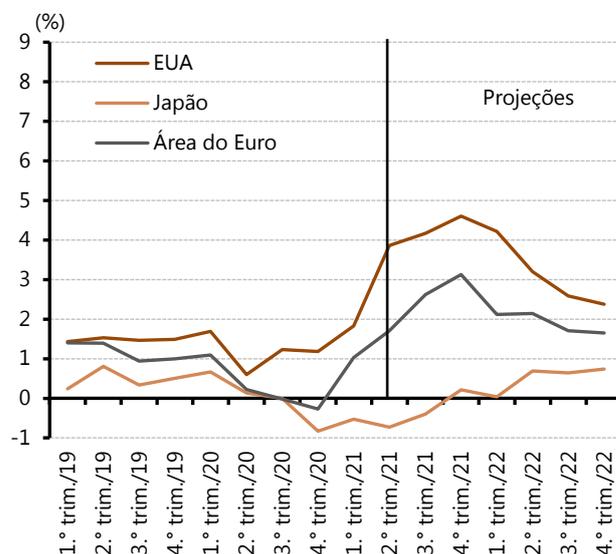
DISCRIMINAÇÃO	OBSERVADO (%)		PROJEÇÃO (%)		DIFERENÇA ANTE ABR/2021 (p.p.)	
	2019	2020	2021	2022	2021	2022
PIB mundial	2,8	-3,2	6,0	4,9	0,0	0,5
Economias avançadas	1,6	-4,6	5,6	4,4	0,5	0,8
Estados Unidos	2,2	-3,5	7,0	4,9	0,6	1,4
Área do Euro	1,3	-6,5	4,6	4,3	0,2	0,5
Japão	0,0	-4,7	2,8	3,0	-0,5	0,5
Reino Unido	1,4	-9,8	7,0	4,8	1,7	-0,3
Economias emergentes	3,7	-2,1	6,3	5,2	-0,4	0,2
China	6,0	2,3	8,1	5,7	-0,3	0,1
Índia	4,0	-7,3	9,5	8,5	-3,0	1,6
Brasil	1,4	-4,1	5,3	1,9	1,6	-0,7
México	-0,2	-8,3	6,3	4,2	1,3	1,2
Comércio mundial de bens e serviços	0,9	-8,3	9,7	7,0	1,3	0,5
Economias avançadas	1,4	-9,2	8,9	7,1	0,4	0,7
Economias emergentes	-0,2	-6,7	11,1	6,9	2,8	0,2
Preço do petróleo	-10,2	-32,7	56,6	-2,6	14,9	3,7
Preços de commodities não energéticas ...	0,8	6,7	26,5	-0,8	10,4	1,1
Preços ao consumidor						
Economias avançadas	1,4	0,7	2,4	2,1	0,8	0,4
Economias emergentes	5,1	5,1	5,4	4,7	0,5	0,3

Fonte: International Monetary Fund (2021b).

Nesse particular, as atuais pressões inflacionárias também contribuem para o aumento das incertezas quanto à recuperação da econômica global. À medida que a inflação no mundo inteiro vem acelerando-se ao longo de 2021 (**Gráficos 1.3 e 1.4**), certas economias já observam o estouro de suas metas de inflação, sobretudo na América Latina. Espera-se que, na maioria das economias avançadas, as pressões inflacionárias sejam temporárias, em virtude de elas refletirem, em grande medida, incompatibilidades transitórias entre oferta e demanda, desenvolvimentos incomuns ocasionados pela pandemia, excesso de ociosidade da capacidade produtiva, taxas de emprego ainda bem abaixo do momento pré-pandemia e do pleno-emprego, comparação com preços de *commodities* muito baixos em 2020, elevados custos de frete internacional, bem como expectativas bem ancoradas de inflação no longo prazo. Já no caso das economias emergentes, espera-se que a inflação elevada se prolongue em 2022,

em função de desvalorizações cambiais e de pressões continuadas sobre o preço dos alimentos.

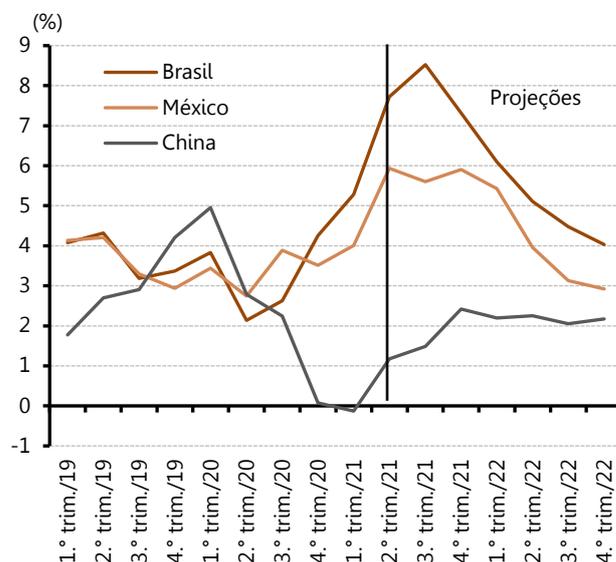
Gráfico 1.3 - Taxa de inflação de economias avançadas selecionadas no período 1.º trim./2019-2.º trim./2021 e projeções para o período 3.º trim./2021-4.º trim./2022



Fonte: OECD (2021a).

Nota: Preços ao consumidor; variação percentual anual.

Gráfico 1.4 - Taxa de inflação de economias emergentes selecionadas no período 1.º trim./2019-2.º trim./2021 e projeções para o período 3.º trim./2021-4.º trim./2022



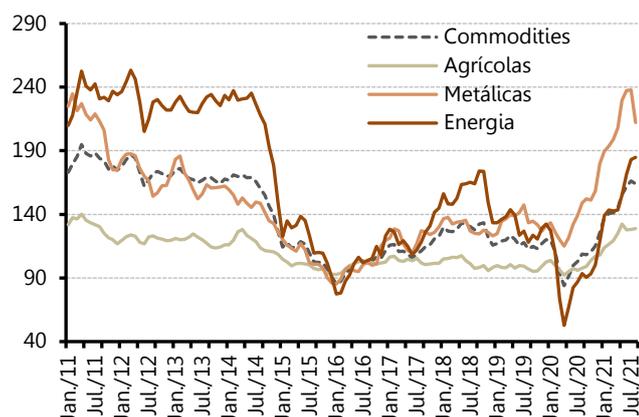
Fonte: OECD (2021a).

Nota: Preços ao consumidor; variação percentual anual.

No que se refere às *commodities*, os preços de todos os grupos de produtos continuam em uma forte trajetória de valorização em 2021 (**Gráfico 1.5**), chegando a 82% de crescimento no grupo das energéticas, 65% no das metálicas e 27% no das alimentícias, no ano, até agosto. *Commodities* importantes para o Brasil e o Rio Grande do Sul também seguem valorizando-se,

apesar do arrefecimento dos preços em agosto (**Gráfico 1.6**). Na esteira da recuperação da economia global, o FMI projeta um crescimento de cerca de 60% no preço do petróleo, em relação a 2020, e por volta de 30% no das *commodities* não energéticas, sobretudo em função dos preços dos metais e de alimentos.

Gráfico 1.5 - Índice de preço de grupos de commodities — jan./2011-ago./2021



Fonte: Internacional Monetary Fund (2021a).
Nota: Os índices têm como base 2016 = 100.

Gráfico 1.6 - Preços de commodities selecionadas — jan./2011-ago./2021

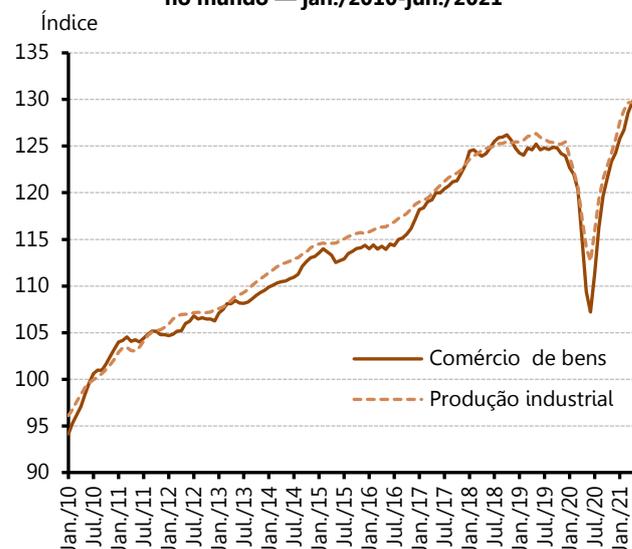


Fonte: Internacional Monetary Fund (2021a).
Nota: Petróleo em US\$/barril, minério de ferro em US\$/t e soja em grão em US\$/t.

Após uma vigorosa recuperação da produção industrial e do comércio de bens desde meados de 2020, os dados mais recentes parecem apontar para uma estabilização de ambas as variáveis, embora acima dos seus níveis pré-pandemia (**Gráfico 1.7**). O comércio de bens registrou um modesto crescimento de 0,5% em junho, em relação a maio, após uma contração de 0,7% no mês anterior, enquanto a produção industrial

expandiu 1,0% em junho, após uma queda da 1,2% em maio.

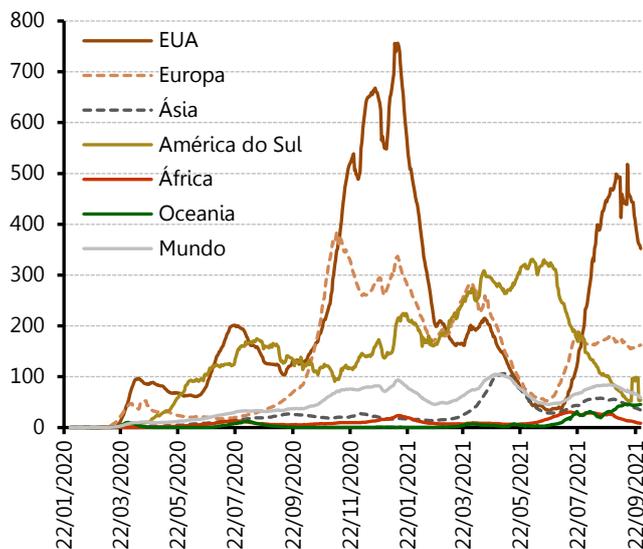
Gráfico 1.7 - Comércio de bens e produção industrial no mundo — jan./2010-jun./2021



Fonte: CPB World Trade Monitor (NETHERLANDS, 2021).
Nota: Média móvel de três meses; índice de volume com ajuste sazonal (2010 = 100).

Os dados mais recentes de produção industrial indicam um fraco desempenho na China e nos Estados Unidos. Dificuldades na obtenção de insumos (via quantidade e preço), maiores custos de transporte e interrupções logísticas, somadas a uma demanda externa mais fraca, vêm restringindo a capacidade de expansão da produção. Os índices de gerentes de compras recentes também apontam para desacelerações na atividade manufatureira e no setor de serviços das principais economias do mundo, tanto pelo arrefecimento da demanda quanto por restrições de oferta. Somam-se a isso as recentes restrições à produção de aço na China, que já levaram a uma retração na cotação internacional do minério de ferro, à preocupação com o mercado imobiliário do País (com possibilidade de contágio para outros setores e economias ao redor do mundo) e às incertezas quanto ao efeito inflacionário global. Além disso, o ressurgimento de novos surtos de Covid-19 nas economias avançadas decorrentes da variante Delta (**Gráfico 1.8**), bem como a elevação do número de mortes, sobretudo nos Estados Unidos, podem lançar ainda mais obstáculos a uma expansão sustentada da economia global no segundo semestre.

Gráfico 1.8 - Novos casos diários confirmados de Covid-19, por milhão de pessoas, no mundo — 28 de janeiro de 2020 a 27 de setembro de 2021



Fonte: Global Change Data Lab (2021).

Nota: 1. Média móvel de sete dias.

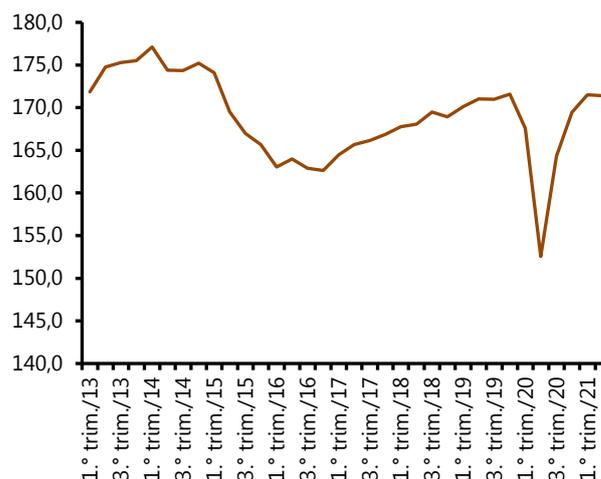
2. O número de casos confirmados é inferior ao número de casos reais; a principal razão para isso são os testes limitados.

2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL

2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

O resultado do PIB no 2.º trim./2021 ilustra as dificuldades enfrentadas pela economia brasileira em sua trajetória de recuperação, ainda sob efeitos da crise sanitária da Covid-19 (**Gráfico 2.1**). Fatores internos e externos, como a escassez de insumos e a elevação de custos, além de fatores climáticos adversos, foram contrapesos importantes à retomada de medidas de estímulo, como o Auxílio Emergencial, ao avanço da vacinação e à redução do isolamento na recuperação econômica do trimestre. Diante desses fatores, na comparação com o 1.º trim./2021, com ajuste sazonal, o registro foi de leve queda de 0,1%. Por outro lado, devido à baixa base de comparação, houve forte crescimento na comparação com o 2.º trim./2020, de 12,4%, enquanto o acumulado em quatro trimestres mostrou crescimento de 1,8%. Por fim, o resultado do primeiro semestre apontou incremento de 6,4% na comparação com o mesmo período do ano anterior. Com esses resultados, o PIB segue 3,2% abaixo do pico de atividade anterior, verificado no 1.º trim./2014, segundo o Comitê de Datação dos Ciclos Econômicos (Codace) do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV)

Gráfico 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 1.º trim./2013-2.º trim./2021



Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2021g).

Nota: Os índices têm como base a média de 1995 = 100.

A **Tabela 2.1** apresenta as taxas de crescimento dos componentes do PIB pelas óticas da oferta e da demanda. Na comparação com o mesmo período do ano anterior, a exemplo do PIB, agropecuária, indústria

e serviços cresceram, sobretudo em razão da base de comparação deprimida. Na margem, contudo, com ajuste sazonal, agropecuária e indústria apresentaram desempenho negativo, com variações, respectivamente, de -2,8% e -0,2%. Serviços, por outro lado, cresceram 0,7% na comparação com o primeiro trimestre.

Tabela 2.1 - Variação do Produto Interno Bruto (PIB), dos impostos, do Valor Adicionado Bruto (VAB), total e por atividades, pelas óticas da oferta e da demanda, no Brasil — 2.º trim./2021

ATIVIDADES	2º TRIM/2021	
	1º TRIM/2021 (1)	2º TRIM/2020
PIB	-0,1	12,4
Ótica da oferta		
Impostos	-	16,8
VAB	0,0	11,7
Agropecuária	-2,8	1,3
Indústria	-0,2	17,8
Serviços	0,7	10,8
Ótica da demanda		
Consumo das famílias	0,0	10,8
Consumo do Governo	0,7	4,2
Formação Bruta de Capital Fixo	-3,6	32,9
Exportações	9,4	14,1
Importações	-0,6	20,2

Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2021g).

(1) Com ajuste sazonal.

O resultado da agropecuária pode ser explicado em razão de dois choques climáticos adversos que impactaram algumas das principais culturas no trimestre, como milho e cana-de-açúcar, além da bienalidade da produção de café. A estiagem, aliada à irregularidade nas chuvas em boa parte das regiões produtoras, em especial nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste, e ondas de frio intenso, com ocorrência de geadas no centro-sul do País seguem afetando a produção agrícola.

A indústria enfrenta uma série de dificuldades, em particular as indústrias de transformação e de eletricidade e gás, água, esgoto, atividade de gestão de resíduos, que caíram, na margem, 2,2% e 0,9% respectivamente. A escassez de chuvas reduziu a níveis alarmantes os reservatórios de hidrelétricas, levando o Governo Federal a permitir a ampliação do uso de usinas termelétricas, de custo mais alto, e a subir o preço da energia, inicialmente com o acionamento da bandeira vermelha nível 2 e, posteriormente, com a criação de uma nova bandeira de escassez hídrica, que deverá valer a partir de setembro.

Além do custo mais alto da energia, outros fatores do lado da oferta também impactaram, sobremaneira,

a indústria de transformação. A falta de peças e componentes eletrônicos, a exemplo dos semicondutores utilizados na produção de veículos, atingiu boa parte das montadoras em 2021, levando à paralisação em diversas fabricantes de veículos. A escassez relativa desses insumos ocorreu em razão da grande demanda por *chips* em transmissão de dados e aparelhos eletrônicos provocada pelo isolamento social durante a pandemia e pela forte demanda durante a recuperação global.

Soma-se a isso a elevação dos custos de transportes, tanto nacionais quanto internacionais. O preço de combustíveis domésticos, que encerrou o semestre com alta de 16%, já acumula 23% de crescimento entre janeiro e agosto de 2021, segundo o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Ademais, a taxa de câmbio, apesar do arrefecimento que sofreu no segundo trimestre, segue em patamares elevados, contribuindo para o alto valor cobrado no frete em dólares. Por fim, a escassez física de *containers*, em contexto de desorganização das cadeias de suprimentos provocada pela pandemia, aliada à forte recuperação do comércio internacional que se seguiu às medidas de estímulo monetário e fiscal em todo o mundo, elevou consideravelmente o preço dos transportes marítimos, afetando sobretudo a indústria. Apesar desses fatores, construção civil e indústrias extrativas tiveram crescimento, na margem, de 2,7% e 5,3% respectivamente.

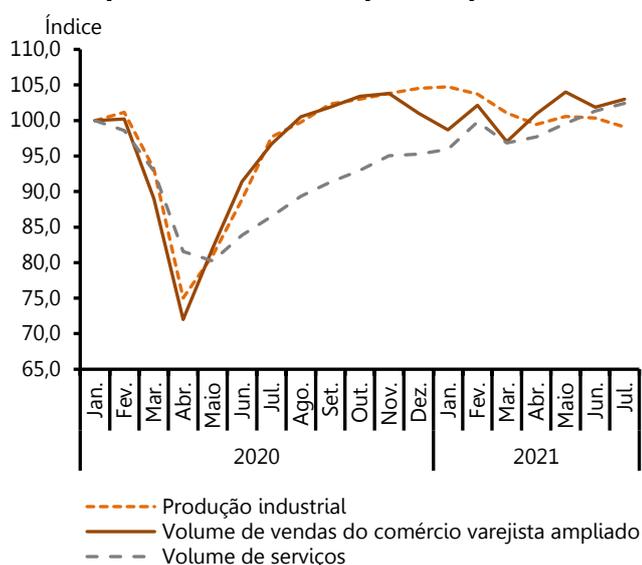
Em contraposição, o avanço da vacinação permitiu o afrouxamento de medidas de isolamento em todo o País, com impactos positivos sobre diversos serviços, em especial nos setores de alojamento e alimentação, altamente impactados durante a crise. Na comparação com o primeiro trimestre do ano — com exceção de administração, defesa, saúde e educação públicas e seguridade social, que permaneceu estável —, todos os serviços apresentaram crescimento: comércio (0,5%), transporte, armazenagem e correio (0,1%), informação e comunicação (5,6%), atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (0,3%), atividades imobiliárias (0,4%) e outras atividades de serviços (2,1%).

Pela ótica da demanda, apesar da reedição do Auxílio Emergencial a partir de abril, em valores inferiores aos de 2020, o consumo das famílias ficou estagnado na comparação com o primeiro trimestre do ano e segue ainda 3% abaixo do patamar observado no 4.º trim./2019, antes da pandemia. Esse resultado é obtido em um contexto de forte pressão inflacionária, que contribui para a contração da massa real de salários, bem como do ciclo de alta das taxas de juros, que encarecem o custo de financiamentos.

A Formação Bruta de Capital Fixo teve leve queda na margem (-3,6%), explicada pela base de comparação relativamente alta do primeiro trimestre, em função das “importações fictas” de plataformas de petróleo associadas a mudanças no regime aduaneiro do Repetro, conforme destacado no Boletim de Conjuntura anterior.³ O consumo do Governo cresceu 0,7%, as exportações, 9,4%, e as importações caíram 0,6%.

Em julho, a influência de boa parte dos fatores que afetaram os resultados do segundo trimestre persiste. De fato, houve uma inversão da posição da produção industrial em relação ao comércio e aos serviços (**Gráfico 2.2**). Na comparação com o mês de janeiro de 2020, anterior mesmo ao início dos primeiros impactos da pandemia sobre o comércio mundial, a indústria, que, até janeiro de 2021, apresentava boa recuperação, voltou a ficar cerca de 1% abaixo do patamar pré-pandemia. O comércio e os serviços, com uma lentidão maior na recuperação, por outro lado, encontravam-se 3,0% e 2,4%, respectivamente, acima do patamar de janeiro de 2020.

Gráfico 2.2 - Produção industrial, volume de vendas do comércio varejista ampliado e volume de serviços com ajuste sazonal no Brasil — jan./2020-jul./2021



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (IBGE, 2021c).
Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2021d).
Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2021e).
Nota: Os índices têm como base jan./2020 = 100

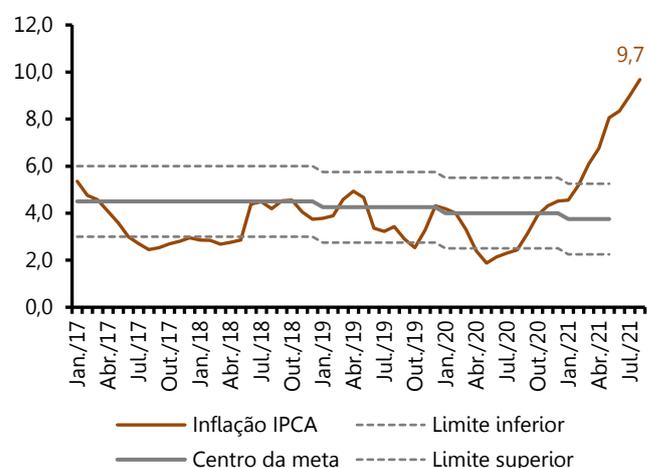
2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS

A inflação tem persistido consistentemente alta em meio à retomada da atividade econômica, à crise hídrica da Região Sudeste — que afeta custos de energia e, por conseguinte, o custo de quase toda a produção —, e à escassez de insumos, como peças e componentes eletrônicos. Em agosto, a variação acumulada em 12 meses do IPCA alcançou 9,7%, bastante acima da banda superior da meta de inflação, de 5,25% (**Gráfico 2.3**).

Nessa base de comparação, pressionam os preços dos transportes (16,6%) e de alimentos e bebidas (14,0%). A elevação de custos já se reflete nos preços industriais, que cresceram 10,0%. Por outro lado, os preços dos serviços avançaram 3,9% no mesmo período.

Mais do que questões pontuais, a elevação dos preços tem-se dado de forma generalizada. O índice de difusão (que mede a quantidade de produtos analisados que apresentou alta no período) acelerou-se em agosto e registrou 71,9%, ante 63,7% em julho.

Gráfico 2.3 - Variação percentual do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado em 12 meses e metas de inflação no Brasil — jan./2017-ago./2021



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2021b).
Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE, 2021a).

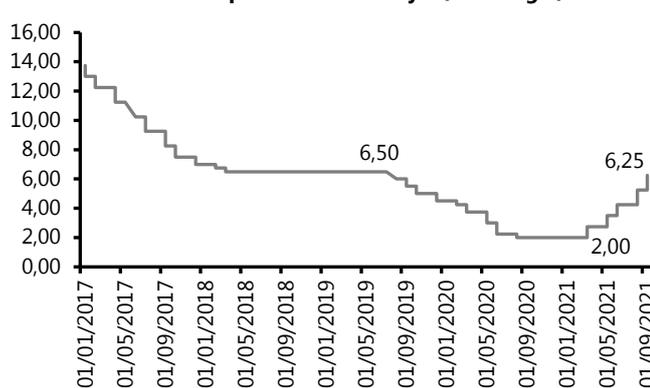
Em meio ao cenário de inflação crescente e expectativas desancoradas, o Banco Central do Brasil seguiu majorando a taxa Selic, que alcançou 6,25% a.a. em setembro. Para o final do ano, as expectativas de mer-

³ Disponível em: BOLETIM DE CONJUNTURA DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: SPGG/DEE, v. 3, n. 2, jun. 2019. Disponível em:

<https://dee.rs.gov.br/publicacoes-antiores-5e331e910901d>. Acesso em: 16 set. 2021.

cado⁴ sinalizam um quadro de continuidade do aperto monetário nas próximas reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom), com a Selic chegando a 8,25% a.a., acima do que se esperava em junho (6,5% a.a.), na edição de julho deste boletim. Essa revisão para cima das expectativas reflete a persistência da inflação em patamares elevados. Se, em junho, se esperava que o IPCA começasse a ceder, encerrando o ano em 5,9%, atualmente as expectativas sinalizam para inflação superior a 8%.

Gráfico 2.4 - Meta para taxa Selic — jan./2017-ago./2021



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2021a).

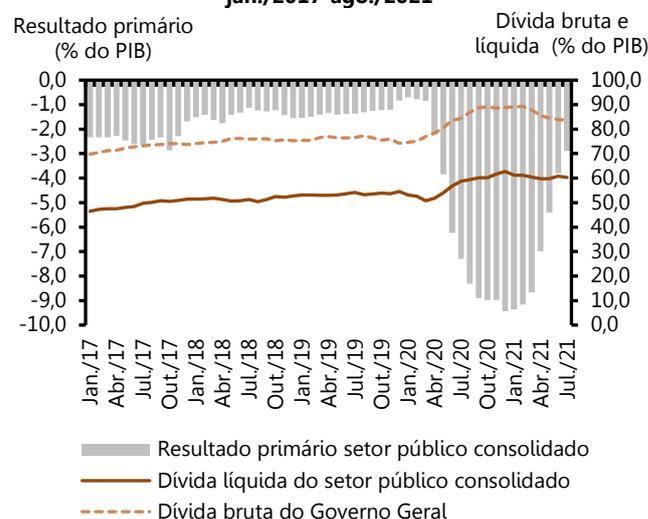
Nesse cenário de deterioração das expectativas de inflação, podem-se destacar a elevação dos riscos de racionamento de energia, que afeta a inflação corrente, via aumento das tarifas de energia elétrica, e também a futura, via repasse da elevação dos custos aos preços dos produtos finais. Além disso, há o risco de aumento do componente inercial, com repasse do aumento dos preços aos serviços, atualmente com elevação mais moderada. Adicionalmente, o comportamento das contas públicas segue gerando dúvidas sobre a trajetória da dívida pública, o que pode continuar pressionando o câmbio, a despeito da elevação dos juros. Esse mecanismo, em última instância, afeta os preços internos via repasse dos custos. O real foi uma das moedas que mais sofreram desvalorização desde dezembro de 2019. Atualmente, cotado a US\$/R\$ 5,14⁵, vale 27% a menos do que naquele período, e as expectativas sinalizam para manutenção do patamar elevado (espera-se US\$/R\$ 5,2 para fechamento do ano).

⁴ BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Focus - Relatório de Mercado**. Brasília, DF: BCB, 2021. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/focus>. Acesso em: 17 set. 2021.

⁵ Câmbio livre de venda, dólar americano, fim de período mensal (ago./2021).

Apesar da melhora do resultado primário (**Gráfico 2.5**) — que passou de um déficit de 9,4% do PIB no acumulado em 12 meses até dezembro de 2020 para 2,9% do PIB em julho —, a dívida líquida persiste elevada no patamar de 60,3% do PIB (leitura de julho). Para o fechamento de 2021, as expectativas⁶ de mercado sinalizam um cenário de manutenção de indicadores elevados de dívida líquida, chegando a 61% do PIB. Dificuldades adicionais de controle dos gastos podem trazer mais desafios para trajetória fiscal, podendo elevar os prêmios de risco do Brasil.

Gráfico 2.5 - Resultado primário acumulado em 12 meses e estoques da dívida bruta e dívida líquida no Brasil — jan./2017-ago./2021



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2021c).

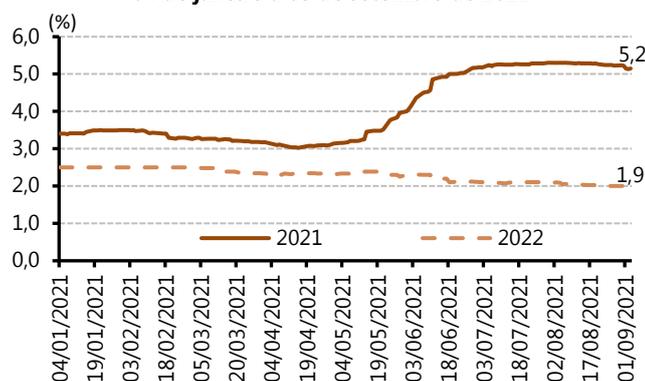
2.3 EXPECTATIVAS DE CRESCIMENTO

Em resumo, há uma série de forças agindo em direções opostas sobre a trajetória de recuperação da economia brasileira. Por um lado, o avanço da vacinação e a redução cada vez maior do isolamento, com aumento de pessoas circulando e consumindo, seguem dando fôlego para atividade econômica, em especial para os serviços. Contudo os riscos mencionados, de origem macroeconômica e climática, somados aos de origem sanitária (levando-se em conta o aumento de casos de Covid-19 observado em outros países com vacinação mais avançada), devem ser considerados nos próximos períodos. Tendo em vista esses fatores, o

⁶ BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Focus - Relatório de Mercado**. Brasília, DF: BCB, 2021. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/focus>. Acesso em: 17 set. 2021.

mercado, desde junho, realizou poucas modificações em suas previsões de crescimento para o ano, variando entre 5,0% e 5,3% para 2021 (**Gráfico 2.6**). As projeções mais recentes, de 03 de setembro de 2021, são de crescimento de 5,2% para 2021 e de 1,9% para 2022.

Gráfico 2.6 - Expectativas de crescimento para 2021 e 2022 do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 04 de janeiro a 03 de setembro de 2021



Fonte dos dados brutos: Banco Central do Brasil (2021a).

3 CENÁRIO INTERNO — RS

3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

No segundo trimestre de 2021, a economia gaúcha apresentou a quarta expansão consecutiva, quando a comparação é realizada com o período imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal. Esse crescimento prolongado, não observado desde 2010, ocorreu ainda em decorrência da retomada da atividade econômica associada com o avanço da vacinação e a redução do isolamento, e da recuperação da safra de grãos no primeiro semestre do ano, notadamente da produção de soja.

Em relação ao 1.º trim./2021, o PIB do Estado cresceu 2,5% na série com ajuste sazonal (**Tabela 3.1**). Tal desempenho esteve associado ao aumento de 5,6% no Valor Adicionado Bruto da agropecuária e de 1,0% no dos serviços. O VAB da indústria apresentou queda de 4,6%, refletindo a desaceleração da produção industrial após o mês de março.

Tabela 3.1 - Variação do Produto Interno Bruto (PIB), dos impostos e do Valor Adicionado Bruto (VAB), total e por atividades, do Rio Grande do Sul — 2.º trim./2021

	(%)	
ATIVIDADES	2º TRIM/2021 1º TRIM/2021 (1)	2º TRIM/2021 2º TRIM/2020
PIB	2,5	27,7
Impostos	-	23,7
VAB	2,8	28,2
Agropecuária	5,6	103,7
Indústria	-4,6	21,2
Serviços	1,0	9,3

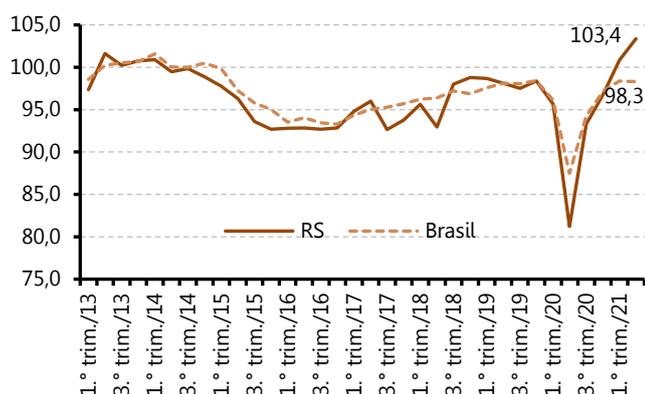
Fonte: SPGG-RS/DEE (RIO GRANDE DO SUL, 2021b).
(1) Com ajuste sazonal.

Na comparação com o 2.º trim./2020, a economia do Rio Grande do Sul apresentou taxas bem mais expressivas de crescimento, dada a baixa base de comparação do período. O PIB cresceu 27,7%, a maior taxa registrada desde o início da série histórica em 2002. Quanto às atividades, a maior alta ocorreu na agropecuária (103,7%), seguida pela indústria (21,2%) e pelos serviços (9,3%).

Com a sequência de altas, o PIB do Rio Grande do Sul registrou, no 2.º trim./2021, o maior volume da série histórica. Com isso, não apenas recuperou as perdas ocasionadas pela pandemia, como, também, as grandes perdas ocorridas entre 2014 e 2016, algo que ainda não foi observado na economia brasileira. Em relação ao volume médio de 2013, o PIB gaúcho encontra-se

3,4% acima, enquanto o nacional ainda está 1,7% abaixo (**Gráfico 3.1**). Setorialmente, os desempenhos são bem distintos. Sempre em relação à média de 2013, o nível atual da agropecuária está 34,2% acima, refletindo os bons resultados recentes do setor. Os serviços encontram-se a apenas 0,1% acima, enquanto a indústria ainda não recuperou o nível médio de 2013. No 2.º trim./2021, o nível do setor ainda está 15,5% abaixo.

Gráfico 3.1 - Índice do volume do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul e do Brasil — 1.º trim./2013-2.º trim./2021



Fonte: SPGG-RS/DEE (RIO GRANDE DO SUL, 2021b).
IBGE (2021h).

Nota: 1. Os índices têm como base a média de 2013 = 100.
2. Série com ajuste sazonal.

A exemplo do primeiro trimestre do ano, a agropecuária novamente foi o grande destaque positivo. O produto de maior peso no VAB do setor, no segundo trimestre, é a soja, e como este foi o que mais cresceu em 2021, explica-se a expressiva taxa de crescimento que a agropecuária apresentou nesse período (**Tabela 3.2**). Também contribuíram, embora com menor impacto, as expansões das produções de arroz e milho.

Tabela 3.2 - Variação da área plantada, da quantidade produzida e do rendimento médio dos principais produtos agrícolas de verão do Rio Grande do Sul — 2021

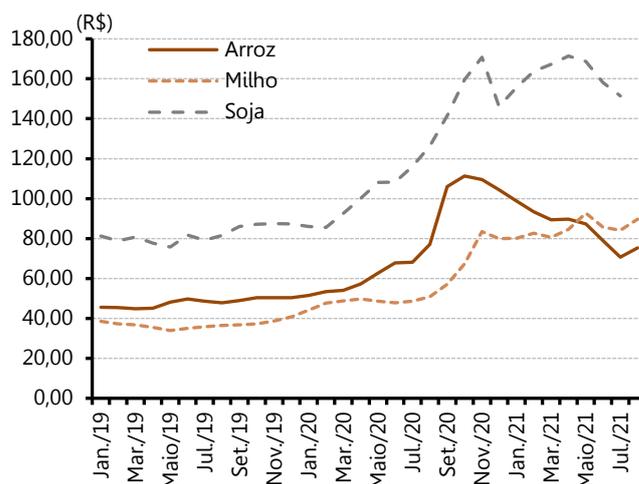
PRODUTOS	ÁREA PLANTADA (ha)	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)	RENDIMENTO MÉDIO (t/ha)
Soja	2,1	80,6	76,9
Arroz	-0,3	6,3	6,6
Milho	3,8	4,3	0,5

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) (IBGE,2021b).

Os preços dos principais produtos agrícolas do Estado continuam em patamares elevados, ainda refletindo a aquecida demanda externa e a taxa de câmbio desvalorizada (**Gráfico 3.2**). No caso específico do arroz, a queda recente dos preços praticados no Rio

Grande do Sul não impediu que, na média de janeiro a setembro de 2021, os preços reais (corrigidos pelo IPCA) ainda se mantivessem 27,0% acima dos observados no mesmo período de 2020. Nessa mesma comparação, os preços do milho e da soja estão 73,7% e 50,5% acima, respectivamente.

Gráfico 3.2 - Evolução dos preços reais do arroz, milho e soja no Rio Grande do Sul — jan./2019-set./2021



Fonte: Emater-RS (2021).

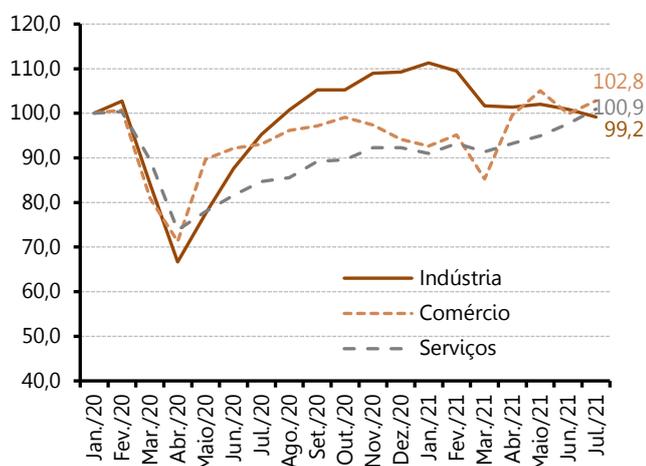
Nota: Valores constantes a preços de agosto/21, corrigidos pelo IPCA.

A partir das quantidades produzidas e dos preços praticados em 2021, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (BRASIL, 2021a) estimou um crescimento real de 62,2% para o valor de produção da agricultura do Rio Grande do Sul em relação a 2020 e de 41,3% para a agropecuária. Esse crescimento expressivo acaba por se refletir nos gastos de consumo dos agricultores e nos investimentos, com consequências positivas sobre o comércio, os serviços e a indústria.

Embora tenha caído na margem (frente ao primeiro trimestre do ano), a indústria também apresentou forte recuperação ao longo de 2021, em comparação com 2020, principalmente a indústria de transformação. De janeiro a julho, a produção física da indústria de transformação do Estado cresceu 17,7% em relação ao mesmo período do ano anterior. Esse forte crescimento esteve alicerçado em expressivas taxas de crescimento das atividades de máquinas e equipamentos (48,9%), metalurgia (42,0%), produtos de metal (39,7%), couros e calçados (35,8%) e móveis (30,5%) principalmente. Apenas duas atividades apresentaram queda nesse período, produtos alimentícios (-1,1%) e veículos automotores, reboques e carrocerias (-1,0%).

A indústria de transformação do Estado foi a atividade que mais rapidamente se recuperou após a grande queda observada nos meses iniciais da pandemia (**Gráfico 3.3**). Em janeiro de 2021, seu nível de produção estava 11,3% acima do de janeiro de 2020. Entretanto, nos meses seguintes, houve uma sucessão de quedas na margem, em tal intensidade que, em julho de 2021, o nível de produção já estava 0,8% abaixo do de janeiro de 2020. Em geral, esse mesmo movimento de desaceleração também foi observado na indústria de transformação do Brasil e de outros estados, como São Paulo, Paraná e Santa Catarina, mas não com a mesma intensidade da do Rio Grande do Sul. O principal fator a diferenciar o movimento da indústria gaúcha foi a parada da fábrica da General Motors (GM) localizada em Gravataí durante alguns meses. Essa parada impactou diretamente a produção da atividade de veículos automotores, reboques e carrocerias, que, como visto no parágrafo anterior, foi uma das duas atividades que apresentou queda entre janeiro e julho, e cujo peso na indústria de transformação gaúcha era de 7,5% em 2019, de acordo com os dados do valor da transformação industrial do IBGE.

Gráfico 3.3 - Índice da produção física da indústria de transformação, do volume de vendas do comércio varejista ampliado e do volume dos serviços do Rio Grande do Sul — jan./2020-jul./2021



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF) (IBGE, 2021c).

Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) (IBGE, 2021d).

Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) (IBGE, 2021e).

Nota: 1. Os índices têm como base jan./2020 = 100.

2. Série com ajuste sazonal.

Segundo dados da Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA, 2021), com exceção da Ford, que encerrou suas atividades no País no início de 2021, a GM, com fábricas no Rio Grande do Sul e em São Paulo, aparentemente foi a montadora

mais afetada pelos problemas de oferta de semicondutores. De janeiro a agosto, os licenciamentos de veículos da GM caíram 31,1%, enquanto os de outras grandes fabricantes apresentaram crescimento no mesmo período.

Mesmo com a desaceleração recente, a indústria de transformação do Estado apresentou, em julho de 2021, 84,3% de utilização da capacidade instalada, valor acima da média histórica (81,4%) e maior número desde outubro de 2008.

Enquanto a indústria de transformação apresentou quedas na margem durante os últimos meses, o comércio e os serviços foram na direção contrária, notadamente depois de março. Desse mês até julho, as vendas do comércio varejista ampliado apresentaram expansão de 20,6%, fazendo com que o nível de vendas de julho ficasse 2,8% acima do nível de janeiro de 2020. No acumulado de janeiro a julho, na comparação com igual período do ano anterior, o volume de vendas cresceu 8,4%, desempenho ainda bastante influenciado pela baixa base de comparação de 2020. Entre as atividades, os maiores crescimentos ocorreram em tecidos, vestuário e calçados (40,3%), outros artigos de uso pessoal e doméstico (38,3%), artigos farmacêuticos, de perfumaria e cosméticos (22,4%) e material de construção (19,7%). Já hipermercados, supermercados alimentos, bebidas e fumo, principal ramo do setor, apresentou diminuição de 7,1% nas vendas no período. Note-se que a queda verificada nessa atividade está relacionada com a também queda na produção de alimentos. A alta da inflação parece estar influenciando negativamente o consumo desses bens.

O volume dos serviços do Estado recuperou o nível de janeiro de 2020 apenas em julho de 2021. De retomada mais lenta, os dados mensais da atividade mostram que, após uma certa estabilidade entre novembro de 2020 e março de 2021, o setor apresentou crescimento de 10,5% entre aquele mês e julho, evidenciando um processo mais firme de recuperação. Nos primeiros sete meses do ano, o setor cresceu 9,2%, com todas as cinco atividades apresentando expansão no período. Os maiores destaques ficaram por conta das altas dos serviços prestados às famílias (25,1%) e dos transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (17,4%). O aumento da mobilidade, no primeiro caso, e o crescimento da indústria e o escoamento da safra recorde, no segundo, parecem ser os principais determinantes do desempenho positivo dessas atividades.

3.2 SETOR EXTERNO

O mercado externo manteve sua contribuição positiva para o crescimento da atividade econômica do Rio Grande do Sul. Entre janeiro e agosto de 2021, as exportações gaúchas alcançaram o valor de US\$ 13.651,4 milhões, uma expansão de 38,0% em relação ao mesmo período de 2020 (**Tabela 3.3**).

Tabela 3.3 - Valor das exportações acumulado no ano, total e por atividades econômicas, e variações em relação ao mesmo período do ano anterior no Rio Grande do Sul — jan.-ago. 2020-21

ATIVIDADES	VALOR (US\$ 1.000)		VARI- ÇÃO %
	Jan.- Ago./20	Jan.- Ago./21	
Agropecuária	3.140.355	4.603.185	46,6
Produtos alimentícios	2.289.634	2.902.721	26,8
Produtos do fumo	750.844	759.934	1,2
Produtos químicos	716.035	1.051.140	46,8
Celulose e papel	443.438	692.265	56,1
Couros e calçados	275.620	355.248	28,9
Veículos automotores, reboques e carrocerias	438.186	410.195	-6,4
Máquinas e equipamentos.....	431.887	703.798	63,0
Couros e calçados.....	429.665	609.628	41,9
Produtos de metal	297.687	527.961	77,4
Produtos de borracha e plástico	169.000	203.691	20,5
Outros	783.981	1.186.903	51,4
VALOR TOTAL	9.890.712	13.651.421	38,0

Fonte: Comex Stat (BRASIL, 2021b).

O maior crescimento ocorreu nos produtos ligados à agricultura, conforme esperado após a recuperação da produção agrícola em 2021. No entanto, a expansão foi expressiva, também, nas vendas de produtos industriais, que se beneficiaram da maior demanda externa, também em recuperação após os piores efeitos da pandemia sobre a atividade econômica mundial, e do câmbio desvalorizado.

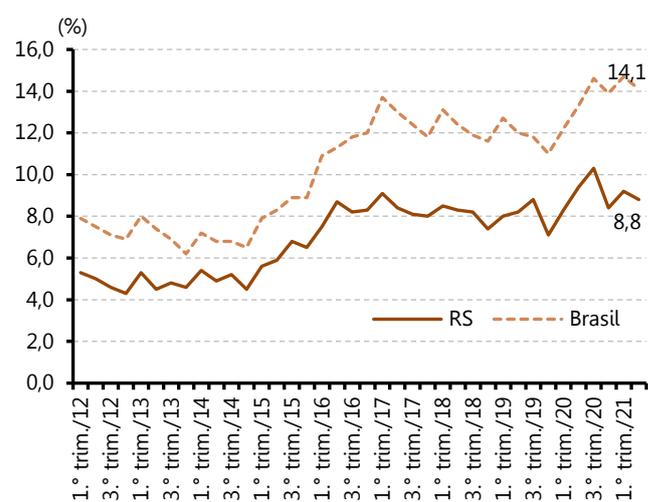
A agropecuária apresentou crescimento de 46,6%, desempenho determinado, em sua maior parte, pelas maiores vendas de soja em grão para a China. Na indústria, as maiores elevações ocorreram nas atividades de produtos de metal (77,4%), de máquinas e equipamentos (63,0%), de celulose e papel (56,1%), de produtos químicos (46,8%) e de couros e calçados (28,9%). Entre as 10 principais atividades exportadoras, apenas a de veículos automotores, reboques e carrocerias apresentou queda, de 6,4%. Esse desempenho, na contramão dos demais, esteve relacionado mais com a parada na produção da fábrica de automóveis localizada no Estado, do que com a menor demanda externa.

China, Estados Unidos e Argentina mantiveram-se nas três primeiras colocações entre os principais destinos das vendas externas do Estado. E os maiores aumentos, entre os 10 principais destinos, deram-se para a Holanda (182,9%), China (59,7%), Coreia do Sul (57,1%) e Paraguai (46,4%).

3.3. MERCADO DE TRABALHO

Em geral, os principais indicadores do mercado de trabalho do Estado continuam melhorando, mas ainda se encontram aquém dos registrados no período anterior à pandemia. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), o número de ocupados do 2.º trim./2021 foi de 5.318 mil pessoas, significando crescimento tanto em relação ao 2.º trim./2020 (mais 178 mil) quanto em relação ao 1.º trim./2021 (mais 126 mil). Quando a comparação é realizada com o 2.º trim./2019, último segundo trimestre livre dos efeitos da pandemia, ainda há uma defasagem de 313 mil pessoas, indicando que a recuperação da atividade econômica ainda não chegou totalmente ao emprego. A taxa de desocupação passou para 8,8% no 2.º trim./2021, um recuo em relação às taxas do 2.º trim./2020 (9,4%) e do 1.º trim./2021 (9,2%), mas ainda acima da taxa observada no 2.º trim./2019 (8,2%) (**Gráfico 3.4**).

Gráfico 3.4 - Taxa de desocupação no Rio Grande do Sul e no Brasil — 1.º trim./2012-2.º trim./2021

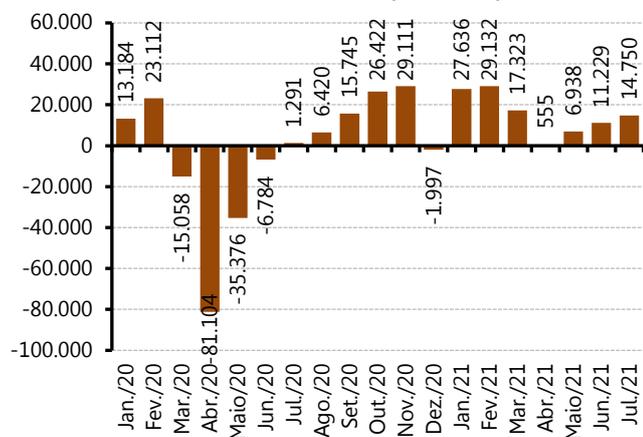


Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2021f).

A criação de empregos formais voltou a acelerar a partir de maio (**Gráfico 3.5**). No acumulado de janeiro a julho de 2021, o saldo entre admitidos e desligados foi de 107.563 empregos, e, no acumulado dos últimos

12 meses até julho, houve criação de 183.264 novas vagas de trabalho.

Gráfico 3.5 - Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal do Rio Grande do Sul — jan./2020-jul./2021

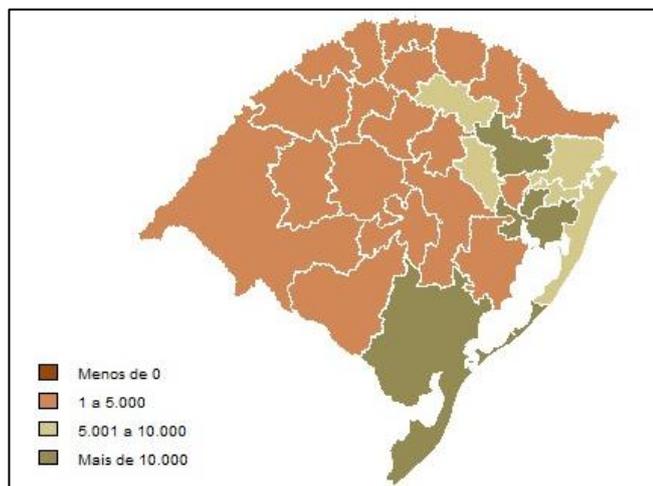


Fonte: Novo Caged (BRASIL, 2021c).

Ainda no acumulado dos últimos 12 meses, as atividades que mais criaram empregos foram a indústria de transformação (68.590), os serviços (54.507) e o comércio (48.886). Esses números estão relacionados com a recuperação produtiva das atividades econômicas e com o baixo nível de emprego em julho de 2020, decorrente das perdas ocorridas nos meses anteriores.

Regionalmente, também no acumulado em 12 meses, todos os 28 Conselhos Regionais de desenvolvimento (Coredes) do Estado apresentaram saldos positivos na criação de empregos formais (Figura 3.1). As maiores expansões ocorreram nos Coredes Vale do Rio dos Sinos (34.073 pessoas), Metropolitano Delta do Jacuí (32.488), Serra (24.510) e Sul (10.301).

Figura 3.1 - Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Rio Grande do Sul — acumulado em 12 meses terminados em jul./2021



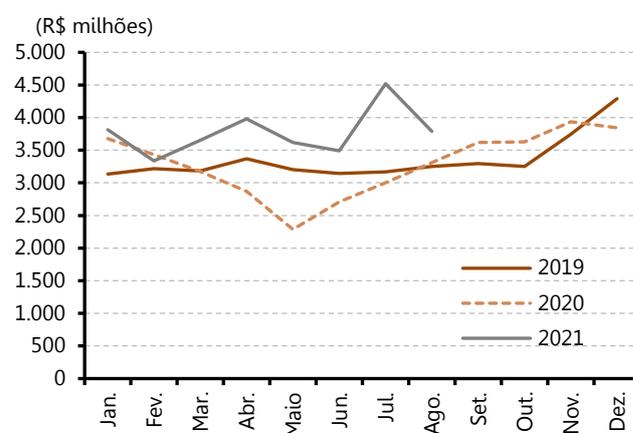
Fonte: Novo Caged (BRASIL, 2021c).

Entre os 497 municípios gaúchos, houve saldo positivo em 442, sendo os maiores registrados em Porto Alegre (20.945), Novo Hamburgo (9.962), Caxias do Sul (9.720), Canoas (24.851), Passo Fundo (4.450) e São Leopoldo (4.401).

3.4 ARRECADAÇÃO DE ICMS

Entre janeiro e agosto de 2021, o valor arrecadado com o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) no Rio Grande do Sul, a preços constantes de agosto de 2021, alcançou R\$ 30.203 milhões, um acréscimo real de 23,5% em relação ao montante arrecadado no mesmo período do ano anterior (Gráfico 3.6). Setorialmente, houve variação positiva dos valores arrecadados nas atividades de outras indústrias (39,5%), do comércio (25,8%), da indústria de transformação (23,2%), das agregadas em outros serviços (16,8%) e da agropecuária (8,3%). Ainda não recuperou os valores de 2020 a atividade de informação e comunicação (-6,1%).

Gráfico 3.6 - Arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICMS) no Rio Grande do Sul — 2019-2021



Fonte: Sefaz-RS/Dados Abertos (RIO GRANDE DO SUL, 2021a).
Nota: Valores constantes a preços de ago./2021, corrigidos pelo IPCA.

Em julho de 2021, a arrecadação registrou o valor nominal de R\$ 4.480,3 milhões, um montante bem acima da média dos últimos meses. Segundo a Secretaria da Fazenda do Rio Grande do Sul (Sefaz-RS), o valor desse mês está inflado em função do ingresso extraordinário de R\$ 922 milhões, referentes ao pagamento de ICMS atrasado da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) após sua privatização. Mesmo se essa importância for deduzida, o crescimento da arrecadação de ICMS entre janeiro e agosto ainda apresenta expressivo aumento real, de 19,7%.

3.5 PERSPECTIVAS

Em relação aos próximos meses, as perspectivas para o desempenho da economia do Rio Grande do Sul são heterogêneas e cercadas de incertezas. Pelo lado da agropecuária, o período à frente será de acomodação, após a forte recuperação no primeiro semestre. O baixo peso da agricultura neste terceiro trimestre faz com que o setor pouco contribua para o desempenho agregado da economia. Por outro lado, a continuidade da valorização dos preços agrícolas continuará a impulsionar o comércio e a indústria ligada ao setor.

Pelo lado da indústria de transformação, os dados mais recentes da produção industrial gaúcha mostram uma desaceleração, em linha com a verificada no Brasil, mas potencializada, no caso do Rio Grande do Sul, pela parada da GM. Entretanto existem boas notícias no horizonte à frente. A primeira delas é que a GM informou, em agosto, a retomada da produção na fábrica de Gravataí. A segunda diz respeito à confiança. O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI-RS) do Rio Grande do Sul voltou a crescer a partir de março. Em agosto, registrou o valor de 64,9, indicando otimismo por parte dos industriais (**Gráfico 3.7**).

Gráfico 3.7 - Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI-RS) no Rio Grande do Sul — jan./2013-ago./2021



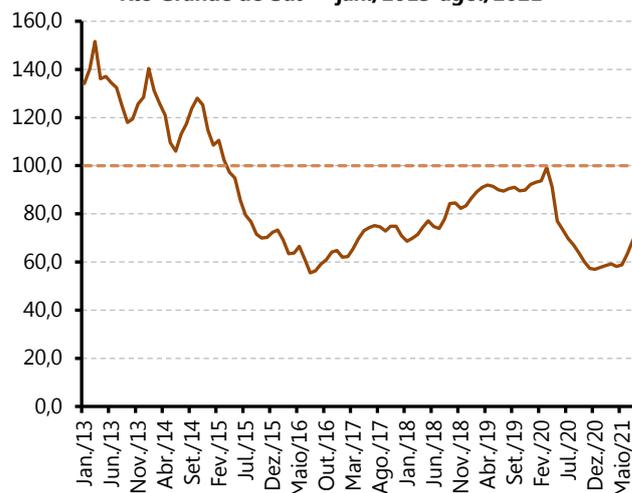
Fonte: FIERGS (2021).

Nota: O índice varia entre 0 e 100 pontos; valores acima de 50 pontos indicam otimismo.

O comércio, embora tenha recuperado as perdas ocasionadas pela pandemia, tem apresentado certa estabilidade nos últimos meses. Para o período à frente, o cenário permanece desafiador. A lenta recuperação do mercado de trabalho tem limitado um desempenho mais robusto do setor, ao mesmo tempo em que a inflação elevada retira poder de compra dos consumidores. Segundo a PNAD Contínua, a massa de rendimentos reais do segundo trimestre de 2021 ainda se

encontra 5,6% abaixo do valor observado no primeiro trimestre de 2020. Por outro lado, o indicador que mede a Intenção de Consumo das Famílias Gaúchas (ICF-RS) vem apresentando recuperação durante os últimos meses, embora ainda permaneça em território negativo, indicando pessimismo em relação ao futuro (**Gráfico 3.8**).

Gráfico 3.8 - Intenção de consumo das famílias (ICF-RS) no Rio Grande do Sul — jan./2013-ago./2021



Fonte: Fecomércio RS (2021).

Nota: O índice varia entre 0 e 200 pontos; valores acima de 100 pontos indicam otimismo.

De maneira geral, as perspectivas são positivas por um lado, com avanço da vacinação e redução do isolamento, além do retorno gradual da produção de veículos pela GM, desde agosto. Contudo fatores como pressão inflacionária, ciclo de alta dos juros, falta de insumos, altos custos de transporte internos (combustíveis) e externos (câmbio, escassez de *containers*), bem como o risco de recrudescimento da pandemia e de crise energética são contrapesos importantes à continuidade da recuperação.

PRINCIPAIS INDICADORES MENS AIS

Tabela A.1 - Principais indicadores econômicos do Rio Grande do Sul e do Brasil — mar.-ago./2021

	(%)					
DISCRIMINAÇÃO	MAR/21	ABR/21	MAIO/21	JUN/21	JUL/21	AGO/21
Índice de atividade econômica						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,37	1,73	-2,62	-2,69	0,87	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	16,97	26,75	11,08	5,76	4,31	-
Acumulado em 12 meses	-0,53	3,34	5,09	5,95	6,62	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-1,77	0,55	-0,60	0,92	0,60	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	5,33	16,58	14,33	9,01	5,53	-
Acumulado em 12 meses	-3,57	-1,17	1,08	2,34	3,26	-
Produção industrial						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-7,13	-0,31	0,62	-1,14	-1,67	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	22,04	53,63	29,31	13,54	2,42	-
Acumulado em 12 meses	-1,55	4,78	9,69	11,95	12,86	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-2,56	-1,60	1,16	-0,23	-1,27	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	10,53	34,88	24,05	12,01	1,10	-
Acumulado em 12 meses	-3,12	1,14	4,87	6,62	6,98	-
Comércio						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-2,66	8,52	4,87	-4,71	2,46	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	8,03	41,00	16,92	7,94	10,49	-
Acumulado em 12 meses	-5,06	-0,39	1,70	2,61	3,93	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-5,02	4,02	3,05	-2,07	1,11	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	9,82	40,89	26,21	11,45	7,02	-
Acumulado em 12 meses	-1,11	3,49	6,78	7,89	8,35	-
Serviços						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-2,03	2,08	1,78	2,87	3,40	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	1,07	26,31	21,37	19,65	19,61	-
Acumulado em 12 meses	-12,74	-8,87	-5,41	-2,59	0,19	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-2,97	0,91	1,91	1,76	1,08	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	4,52	20,11	23,28	21,18	17,77	-
Acumulado em 12 meses	-7,98	-5,33	-2,13	0,44	2,89	-
Preços						
IPCA-Porto Alegre						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,95	0,19	1,04	0,79	1,23	0,71
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	6,38	6,64	8,22	9,09	10,02	10,44
IPCA						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,93	0,31	0,83	0,53	0,96	0,87
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	6,10	6,76	8,06	8,35	8,99	9,68
IGP-DI						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	2,17	2,22	3,40	0,11	1,45	-0,14
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	30,64	33,47	36,55	34,54	33,37	28,22

Fonte dos dados brutos: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE, 2021a).
 Pesquisa Industrial Mensal (IBGE, 2021c).
 Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2021d).
 Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2021e).
 Banco Central do Brasil (2021b).

REFERÊNCIAS

ANFAVEA. **Estatísticas**. São Paulo: Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores, 2021. Disponível em: <https://www.anfavea.com.br/estatisticas>. Acesso em: 17 set. 2021.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema de Expectativas de Mercado**. Brasília, DF: BCB, 2021a. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/expectativas/publico/consulta/serieestatisticas>. Acesso em: 21 set. 2021.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema Gerenciador de Séries Temporais - v2.1**. Brasília, DF: BCB, 2021b. Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>. Acesso em: 16 set. 2021.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Tabelas especiais**. Brasília, DF: BCB, 2021c. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estatisticas/tabelasespeciais>. Acesso em: 21 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP)**. Brasília, DF: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento 2021a. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/politica-agricola/valor-bruto-da-producao-agropecuaria-vbp>. Disponível em: 13 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais. **COMEX STAT**. Brasília, DF: Ministério da Economia, 2021b. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 13 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Previdência e Trabalho. **Painel de informações do Novo CAGED**: julho 2021. Brasília, DF: Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, 2021c. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiNW15NWl0ODtEYmZiYy00Mjg3LTkzNWUtY2UyYjIwMDE1YWI2IiwidCI6IjNlYzkyOTY5LTVhNTEtNGYxOC04YWM5LWVmOThmYmFmYTk3OCJ9>. Acesso em: 14 jun. 2021.

BUREAU OF ECONOMIC ANALYSIS. **Gross Domestic Product**. Maryland: BEA, 2021.

EMATER/RS. **Cotações agropecuárias**. Porto Alegre: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: http://www.emater.tche.br/site/info-agro/precos_semanais.php#.YMql1ahKjIU. Acesso em: 13 set. 2021.

FECOMÉRCIO RS. **Intenção de consumo das famílias gaúchas**. Porto Alegre: Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <http://fecomercio-rs.org.br/pesquisas/>. Acesso em: 13 set. 2021.

FIERGS. **Índice de confiança do empresário industrial**. Porto Alegre: Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <https://www.fiergs.org.br/numeros-da-industria/indice-de-confianca-do-empresario-industrial>. Acesso em: 13 set. 2021.

GLOBAL CHANGE DATA LAB. **Our world in data**: daily new confirmed COVID-19 cases per million people. England: Global Change Data Lab, 2021. Disponível em: <https://ourworldindata.org/coronavirus-data-explorer>. Acesso em: 27 set. 2021.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo. Rio de Janeiro: IBGE, 2021a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7060>. Acesso em: 21 set. 2021.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. Rio de Janeiro: IBGE, 2021b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/lspa/tabelas>. Acesso em: 13 set. 2021.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física Regional. Rio de Janeiro: IBGE, 2021c. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pim-pf-regional/tabelas>. Acesso em: 16 set. 2021.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Mensal de Comércio. Rio de Janeiro: IBGE, 2021d. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pmc/tabelas>. Acesso em: 16 set. 2021.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Mensal de Serviços. Rio de Janeiro: IBGE, 2021e. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pms/tabelas>. Acesso em: 16 set. 2021.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua - Divulgação Trimestral — 1.º trimestre de 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2021f. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil>. Acesso em: 13 set. 2021.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Sistema de Contas Nacionais Trimestrais – Referência 2010 – 4º trimestre 2020. Rio de Janeiro: IBGE, 2021g. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/cnt/brasil>. Acesso em: 16 set. 2021.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Sistema de Contas Nacionais Trimestrais – Referência 2010 – 1º trimestre 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2021h. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/cnt/brasil>. Acesso em: 13 set. 2021.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. **IMF primary commodity prices.** Washington, DC: IMF, Sep. 2021a.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. **World economic outlook update:** fault lines widen in the global recovery. Washington, DC: IMF, 2021b.

NETHERLANDS. Central Planning Bureau. **CPB world trade monitor:** june. Haia: CPB, 2021.

OECD. **OECD economic outlook, interim report:** keeping the recovery on track. Paris: OECD, 2021a.

OECD. **OECD.Stat:** quarterly national accounts. Paris: OECD, 2021b.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Fazenda. **Receita dados.** Porto Alegre: SEFAZ, 2021a. Disponível em: <http://receitadados.fazenda.rs.gov.br/paineis/arrecadacao/>. Acesso em: 13 set. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística. **PIB RS trimestral.** Porto Alegre: SPGG/DEE, 2021b. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/pib-trimestral>. Acesso em: 13 set. 2021.



NOVAS FAÇANHAS

NO PLANEJAMENTO,
GOVERNANÇA E GESTÃO

dee.rs.gov.br